

FH e candidatos, mais conflitos que afinidades

Até com Serra, seu preferido, presidente acumula divergências. Lula tem seu respeito desde os tempos do ABC

Arte de Cláudio Duarte

Tereza Cruvinel

• BRASÍLIA. Já se especulou que o presidente Fernando Henrique no fundo não quisesse fazer o sucessor. Pelo contraste, sua projeção histórica seria maior. Na segunda-feira, no único ato de campanha que fez com seu candidato, desmentiu esses oráculos com uma fala emocionada em Minas. A escolha de Serra como candidato do governo, diz um amigo comum, foi uma das poucas decisões que o atual presidente tomou com o coração. Opostos em muitos aspectos, vivem uma sólida embora conflituosa amizade. Por Lula, Fernando Henrique tem respeito; por Garotinho, desprezo; e a Ciro dedica um quase rancor.

Para Fernando Henrique, desastroso mesmo seria ter de passar a faixa a um destes dois últimos. Se as afinidades afetivas e eletivas são com Serra, Lula sempre foi visto com melhor alternativa em caso de derrota, o que rendeu a lenda de que fosse o plano B do presidente.

Lula é parte da história política de Fernando Henrique. Como líder sindical, integrou o grupo que apoiou sua candidatura a senador por uma sublegenda do MDB em 1978, grupo este que deu origem ao PT, partido que os tucanos respeitam. Agora, com a guinada do PT para o centro, os dois projetos, traduzidos nos programas de Serra e Lula, ficaram muito parecidos.

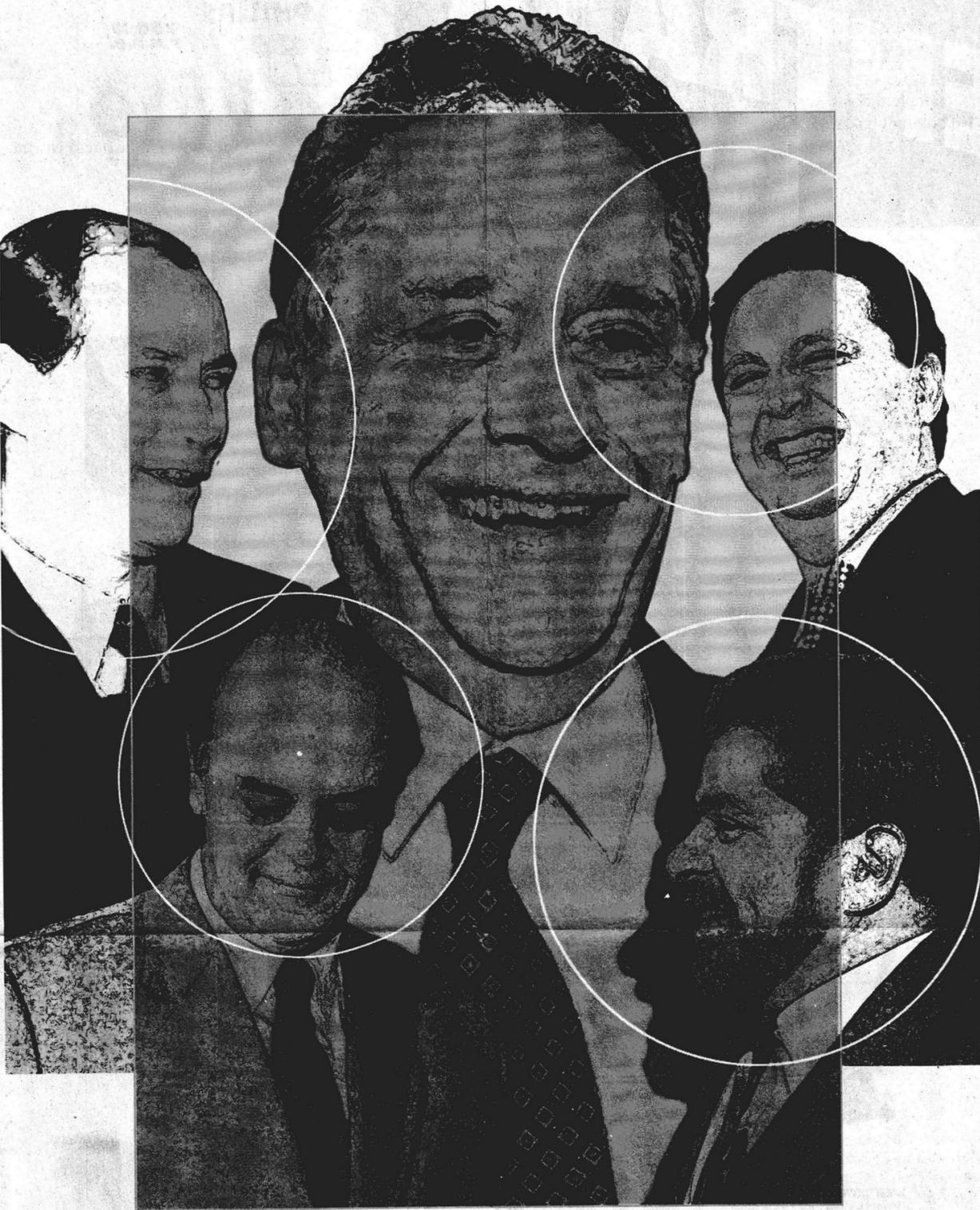
Com Serra, uma relação de conflitos e lealdade

Mas, se Fernando Henrique pudesse sagrar um sucessor, este seria Serra. Antes de indicá-lo para o Ministério da Saúde, já havia dito que o sucessor sairia da área social. Fez sua parte para que Serra vencesse a luta interna no PSDB, mas na campanha ficaram mais distantes que o esperado. Serra para desprender-se do governo; o presidente, por limitações do cargo e sobretudo por divergências com o rumo da campanha. Diferenças previsíveis para quem conhece a relação entre os dois. Conflitos nunca faltaram, mas lealdade também não, diz o ministro Sergio Amaral.

Sobram também diferenças de estilo: Fernando Henrique é reflexivo, Serra extremamente ativo. O presidente cultiva a conciliação, Serra prefere o confronto. O primeiro dá tempo ao tempo até que as coisas se resolvam por si. Serra detesta a perda de tempo. Daí sua impaciência com o processo eleitoral, que exige salamaleques. Serra gosta de dar ordens, Fernando Henrique deixa que as coisas aconteçam. Serra é de uma franqueza quase rude, o presidente seduz as pessoas dizendo o que querem ouvir.

Eles se cruzaram rapidamente antes de 1964. Serra presidia a União Estadual dos Estudantes, Fernando Henrique era professor e membro do Conselho Universitário da USP. Veio o golpe, Serra foi para o exílio, primeiro na Bolívia, depois no Chile, onde Fernando Henrique chegaria em 1965. "Não chegamos a desenvolver relações pessoais", diz Serra em seu livro-entrevista a Teodomiro Braga. Em 1966, será aluno de Fernando Henrique num curso de sociologia do desenvolvimento no Ilpes. Ficou encantado com o brilho do professor. E este com a inteligência do aluno.

Fernando Henrique vai para a França em 1967 e, com o golpe de Pinochet em 1973, Serra deixa o Chile e vai para os EUA. Reencontram-se no Brasil no fim da ditadura e aí é de uma amizade se estreita. Serra deu aulas na Unicamp e foi colaborador de Fernando Henrique no Cebrap. Na campanha ao Senado, torna-se uma espécie de coordenador político. Como Fernando Henrique, participa dos debates sobre o novo partido, que será o PT, mas prefere ficar no MDB.



Desde então seguiram juntos. Vieram as diretas, a eleição de Tancredo, a Constituinte, a eleição de Collor em 1989, o impeachment e depois o Real.

Quando Fernando Henrique é eleito presidente, demora a chamá-lo para o Ministério. Serra não tinha muitas afinidades com a equipe econômica e acabará trombanda com Gustavo Franco, presidente do BC. Deixar o Ministério do Planejamento para disputar a prefeitura de São Paulo em 1996 é uma saída providencial. Teve também divergências com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, inclusive no Ministério da Saúde, quando o assunto eram verbas. Muitas vezes o presi-

dente arbitrou em favor do ministro da Fazenda, mas foi a Serra quem escolheu para disputar o direito de sucedê-lo.

Com Lula, a relação nasce na política, campo em que os dois começavam a pisar em 1978. Vencendo a resistência de Franco Montoro, Fernando Henrique lança sua candidatura ao Senado. Seu suplente será Maurício Soares, advogado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, indicado por seu presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, que terá participação ativa na campanha do sociólogo da "esquerda do MDB".

"Foi Lula que veio me procurar. Ele tinha lido meus artigos e achava que estava na hora de fa-

zer alguma coisa para mudar. Estava cansado dos senadores que diziam representar os trabalhadores. 'Você pelo menos não diz aos trabalhadores o que eles devem fazer', teria dito", conta o presidente no livro-biografia de Brigitte Hersant Leoní.

A campanha foi uma festa, teve apoio de operários, estudantes e artistas, inclusive Chico Buarque. Lula e o sociólogo tomam conhaques baratos nos botecos do ABC, fazem comícios sob sol e chuva no interior. O contato com o povo é algo novo para o intelectual, e Lula, excelente guia. Montoro ganha a vaga, mas Fernando Henrique, segundo mais votado, vira suplente e herda a cadeira em

1982, quando Montoro é eleito governador de São Paulo. Fernando Henrique e Lula ficam amigos, pode-se dizer.

O intelectual continuará frequentando a classe operária do ABC, que faz um série de greves entre o fim de 1978 e o início de 1979. Participa de panfletagens, assiste às assembleias, ajuda a redigir documentos. Lula é preso, organiza um abaixo-assinado de intelectuais por sua libertação. Começa aí o sonho de um novo partido, idéia que reúne sindicalistas, intelectuais e militantes de esquerda em longas tertúlias. Fernando Henrique participa de todas as reuniões mas na hora do parto do PT, prefere ficar no MDB. Não dese-

java um partido classista, explicará mais tarde, e sim um partido mais aberto à sociedade civil, a todas as camadas assalariadas. Talvez pensasse no que o PT é hoje. Esta recusa o afasta de Lula e de muitos amigos intelectuais que chegam a acusá-lo de oportunista, de estar pensando na vaga de senador.

O resto também é história. Farão juntos a campanha das diretas mas o PT não apoiará Tancredo no Colégio Eleitoral. Na Constituinte, a distância ideológica aumenta. Os tucanos saem do PMDB para fundar o PSDB e disputam a Presidência com Covas em 1989. No segundo turno contra Collor, darão um acanhado apoio a Lula.

Quando o PT lança Lula candidato pela terceira vez, em 98, Fernando Henrique lamenta:

— Não gostaria de derrotá-lo de novo e isso vai acontecer. Será ruim para o país porque o ressentimento impedirá uma aproximação com o PT no segundo mandato. Deviam preservar Lula, lançando agora um outro nome.

Derrotou-o de novo.

De Ciro, partiram os ataques mais incômodos

Com Ciro a história é curta e de emoções negativas. Fernando Henrique conheceu-o quando ele e Tasso entraram para o PSDB. Já era candidato em ascensão a presidente quando, em setembro de 1994, seu sucessor na Fazenda, Rubens Ricupero, é abatido pelo escândalo da parabólica. O presidente Itamar Franco o avisa por telefone que convidara o então governador do Ceará, Ciro Gomes. Fernando Henrique não gosta, mas não protesta.

Aqui cada qual conta sua história. Para o presidente, Ciro fica frustrado quando, já eleito, recusa-lhe a permanência na Fazenda e oferece o Ministério da Saúde. Ciro diz ter recusado porque já estava decepcionado com os rumos do Real e não tinha esperanças no novo governo. E, ao recusar, dá também uma desculpa pessoal. Vivía uma crise conjugal, estava tendo um caso com Patrícia Pillar, talvez se separasse, não era hora de assumir cargos de projeção. E este segredo, que ninguém fora do triângulo conhecia, vai parar numa coluna social. Uma infâmia esta história, já disse o presidente.

Ciro vai estudar em Harvard, conhece Mangabeira Unger e volta na oposição. Passa a criticar o governo e a chamar o presidente de professor Cardoso. Disputará a Presidência com ele e Lula na eleição de 1998. De lá para cá, preparou-se para a disputa de hoje com os ataques que mais incomodaram Fernando Henrique. Num deles diz que o presidente "não rouba mas deixa roubar". Em outro, que é um "ser desprezível".

A Garotinho, desprezo pelo populismo fora de época

Garotinho ganha projeção nacional em companhia de Brizola, de quem Fernando Henrique sempre guardou distância, embora lhe respeite o passado. Fernando Henrique e Garotinho nunca foram nem próximos nem distantes. Fernando Henrique o acha uma flor tardia do populismo, uma idéia fora do lugar. As relações institucionais, enquanto Garotinho foi governador, foram frias e cordiais. O desprezo pelo candidato do PSB aumentou durante a campanha e chegou ao máximo quando Garotinho entrou assoviando em seu gabinete no recente encontro que teve com todos os candidatos para firmarem o pacto de transição em torno do acordo com o FMI.

Estas histórias dizem que, para Fernando Henrique, entregar a faixa presidencial a Serra seria uma vitória política e do coração. A Lula, uma espécie de pacificação entre o que foi e o que veio a ser. ■